

Rogai por êles, porque são dos tais, de quem disse Jesús: têm olhos e não vêem, têm ouvidos e não ouvem; por isso cerram os olhos á vida e os ouvidos á caridade. Porque viram a luz e a desprezaram, volverão por seus pés á região das trevas.

Irmãos. Aproveitai os ensinamentos e conselhos que a misericórdia do Pai vos dá, afim de que façais reviver a semente nos corações que a buscam.

Crêde, amai e ensinai.

*S. Luiz."*

A primeira parte desta comunicação é o complemento da que tem o número 9 e o nome de *Eulogio*.

Ambas revelam qual o fim que deve mover os que desejam as instruções superiores.

Na segunda parte, impelem-nos a continuar na fé e na propaganda da moral evangélica, impulso a que não podemos fugir, sem faltar á consciência e á gratidão que devemos pelos benefícios que nos têm sido prodigalisados com imerecida abundância.

14.<sup>a</sup>

JULHO DE 1873

"Vêdes como os raios do sol, após uma tempestade, atravessam as negras nuvens que envolvem a terra e encobrem o horizonte?

Vêdes como amaina a tempestade, restabelece-se a calma, recobra-se a esperança, suspiram docemente as brisas, os passarinhos renovam seus melodiosos acentos, e a natureza se reanima?

Assim são as tormentas sociais e as humanas tempestades.

O mundo físico, em suas perturbações e em seus violentos abalos, não póde exceder o limite da lei do seu equilíbrio, que é a lei eterna da sua conservação e das suas necessárias transformações.

Do mesmo modo succede no mundo moral, ou antes, no universo moral.

A ignorância, as revoltas da razão e da consciência, o fanatismo, as paixões, os interesses e o orgulho, são os ventos que revolvem as sociedades e arrancam à humanidade o seu repouso.

Não vos perturbeis, porém; o universo moral segue sua rôta, impellido pela divina lei da perfectibilidade e da purificação — e tudo, de dia a dia, de passo em passo, caminha para o seu providencial destino.

Não penseis que em algum tempo a humanidade retroceda; ela vacila; porém, em sua vacilação, fortifica-se para avançar com impulso mais vigoroso.

Quão instrutivas e civilisadoras seriam, para o homem, as lições da história, se fôsse essa o quadro fiel das vicissitudes humanas e se o homem pudesse abraçá-la em sua universalidade!

Porque, é preciso que o saibais, a vossa história é uma gota d'água no oceano das humanidades que se movem e se desenvolvem nas imensas campinas do infinito, e, mesmo assim, essa gota não chega a vós senão corrompida e adulterada. E tudo é por êste molde. Sempre existe o véu espesso com que cobrem e desfiguram as paixões e os interesses de seita e de partido.

Tudo por êste molde, repito, vereis na história confirmado o sucessivo e infinito progresso das sociedades humanas.

E quando chegar, pois chegará, o venturoso dia em que a história universal se apresentar a vossos olhos, clara, transparente, luminosa, sem véus e sem enfeites, então caireis, tomados de surpresa, aos pés dessa eterna Providência, cuja suprema luz arrancou a humanidade das tenebrosas imensidades do caos.

*S. João Evangelista."*

Os acontecimentos político-sociais que nessa época



atravessavam a Hespanha, fazendo recear grandes catástrofes, acabavam de ser o tema da nossa conversação, no momento de se receber essa comunicação evangélica.

Profundo conhecedor do movimento moral da humanidade, êle desvanecer as nossas dúvidas e acalma os nossos temores, falando-nos da lei do progresso, para o qual concorrem êsses abalos sociais que aterram os homens.

Em testemunho de suas palavras, êle fala-nos dos ensinamentos da história; mas, de um traço, faz-nos compreender a insuficiência da nossa história — e a existência de outra maior — mas universal — mais digna da criação: a de todas as humanidades que *se movem e se desenvolvem nas imensas campinas do infinito*.

Essa é a criação digna de Deus: um universo cheio de inteligências, de adorações e de vida, e não o insignificante planeta em que habitamos, até hoje considerado como obra privilegiada da Suprema Inteligência.

15.<sup>a</sup>

JULHO DE 1873

“Enchei vossos corações de fé e de esperança.

Porque se refletem em vossas palavras o desânimo e a dúvida?

Porventura precisais, para vos mostrardes animosos e fortes, de legiões de homens que vos assistam e defendam?

Temeis!... Para crêr, sem olhar para traz, aguardais que ronha o trovão e caia o raio?

Vacilais!... Ah! vêde que o vosso valor é o dos que não têm fé: Vêde que essa fé é a dos cobardes.

Prossigui em vossa obra e regosijai-vos, porque é a obra dos discípulos e precursores do Espírito da Verdade, eleitos nos eternos conselhos do Altíssimo.

Não sereis, não podeis ser filhos pródigos dos dons que o Pai vos tem concedido.

Não vos orgulheis, nem seria prudente encher-vos de vaidade, porque o passado e o porvir são uns livros fechados a vossos olhos velados pela matéria.

Avante, irmãos meus queridos — virtude, perseverança e fé.

O que quizerdes dar-se-vos-á. Na casa do Pai há moradas sempre cheias de luz e de amor, onde os Espíritos vôm no puríssimo ambiente da eterna felicidade, onde se realisam todas as harmonias da alma, onde se confundem todas as vontades numa única vontade, todos os sentimentos em um único sentimento, todas as felicidades na felicidade inefável do amor, do amor dos amores.

*Santo Agostinho.”*

No princípio dos nossos estudos teóricos e práticos acerca do Espiritismo, realisava-se em nós uma luta acerba, cujas diversas alternativas se refletiam em nossos atos e em nossas palavras. Em presença dos fatos e ante a lógica dos princípios, a fé apoderava-se de nós e nos impelia, á voz da consciência, pela senda do dever; mas, outra voz, a das recordações das crenças em que se haviam nutrido os nossos corações, entibiava o nosso valor, e as dúvidas nos tomavam e nos faziam vacilar.

Os costumes lutavam, em nós, com a realidade — os sectários dos ensinamentos de Roma lutavam com o cristão — e o temor com a convicção.

Talvez, se não fôsem as frequentes inspirações que, do alto, nos vinham fortalecer e alentar, tivéssemos succumbido e abandonado a gloriosa empresa; felizmente, porém, essas inspirações vieram, e a vitória coroou os nossos esforços.

Essa vitória nos condenava ás sátiras de uns e á